

“Temos músicos muito jovens e de grande qualidade”

O solo de piano de António Pinho Vargas assinala, amanhã à noite no Teatro Académico de Gil Vicente, os 720 anos da Universidade de Coimbra. O pianista e compositor, considerado dos nomes maiores do jazz português, falou ao Diário de Coimbra do ensino e da cultura musical

Andrea Trindade

Diário de Coimbra (DC) É com o concerto “Solo I e II” que se assinalam os 720 anos da UC. O que podemos esperar deste espectáculo?

António Pinho Vargas (APV) O resultado de um trabalho que gravei depois de sete anos a fazer concertos, que começou por ser um projecto de um disco de piano solo, mas que acabou por ser necessário dividir em dois volumes (Solo I e Solo II, de 2008 e 2009).

DC Porque é que esteve tanto tempo sem gravar?

APV Porque estava com muito trabalho na música contemporânea, a compor para outros tocarem, orquestra, ópera, quarteto de cordas, etc.. A Culturgest organizou em 2002 um ciclo [Festival António Pinho Vargas] onde toquei algumas músicas deste período e depois achei que devia parar. Não pensei que fosse tempo, mas a razão foi descansar daquela prática e, por outro lado, o restante trabalho que tinha.

DC Vai ser um concerto muito intimista?

APV Todos os concertos de piano solo são muito intimistas por definição. Tem funcionado muito bem nos diversos sítios onde tenho tocado a solo, desde 1988, o ano em que regresssei aos concertos. Cada concerto é um evento único, depende do performer – de como ele está, como se sente e o discurso que sai naquele dia – e do público, do seu grau de abertura, a interação que se estabelece.

DC A sua mais recente ligação à cidade de Coimbra faz-se pela Universidade.

APV Entreguei a semana passada o meu doutoramento em Sociologia da Cultura na Faculdade de Economia, em que estive a trabalhar com o professor Boaventura Santos durante os últimos quatro anos. Mas há uma ligação afectiva antiga a Coimbra. Ainda antes do 25 de Abril, toquei duas vezes nesta sala [Teatro Académico de Gil Vicente] com os meus grupos do

curso vai-se fazendo, vai melhorando. Neste momento acho que tem um leque de interesses muito diverso e talvez se justifique mais tarde ou mais cedo uma reorganização para o tornar mais específico ou para o assumir como mais aberto.

DC Há jovens que pretendam seguir a área da música?

APV No campo musical há alguma pessoas, mas estão em minoria em relação aos outros que se

“AS PEÇAS DOS COMPOSITORES DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL SÃO ESTREADAS E NUNCA MAIS VOLTAM A SER TOCADAS”

Porto, um deles chamado “Anar Jazz Trio” que era dirigido por Jorge Lima Barreto, e depois, com o meu quarteto, toquei dezenas de vezes nos anos 80. Gosto muito desta sala.

DC Ensina História da Música no curso de Estudos Artísticos da Faculdade de Letras.

APV Acaba por ser parecido com isso. Uma das disciplinas é do curso de licenciatura e chama-se Música Portuguesa e a outra é de mestrado, chama-se Música Contemporânea e é dada em regime de seminário. Além disso sou professor de Composição na Escola Superior de Música de Lisboa desde 1991.

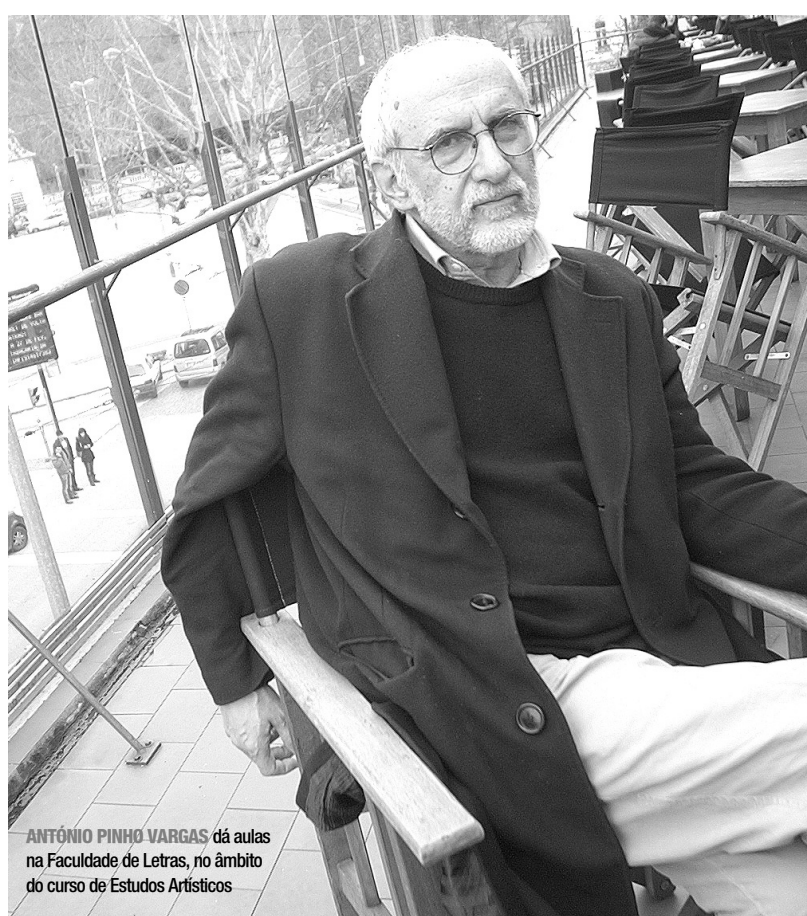
DC Acha que este curso já fazia falta aqui na UC?

APV Certamente que os estudos artísticos fazem falta. A estrutura

interessam por teatro, cinema, fotografia. Justamente, esse leque de interesses muito amplo contraria a ideia de especialização em qualquer das áreas, aí reside o carácter aberto do curso. Um cruzamento que também poderá ter virtualidades.

DC Como evoluiu o ensino da música em Portugal?

APV As escolas superiores de música abriram em 1983, no Porto e em Lisboa, e depois à volta destas existem os conservatórios, uma série de escolas profissionais que, por razões que me escapam, se localizam mais no norte do país – Viana do Castelo, Mirandela, Vila das Aves, por exemplo –, são de grande qualidade e fornecem muitos alunos à Escola Superior de Música do Porto, por exemplo, enquanto que as escolas profissionais à volta de Lisboa e a sul foram



ANTÓNIO PINHO VARGAS dá aulas na Faculdade de Letras, no âmbito do curso de Estudos Artísticos

fechando todas. O melhor é ter o ensino integrado – ensino secundário e, ao mesmo tempo, ensino secundário da música – e isso faz-se em algumas escolas e conservatórios do país. O pior é que, quando não existe isso, a maior parte das vezes não existe nada. É um problema secular, que não se resolve numa geração.

DC Mas pensa que estamos no caminho certo?

APV Julgo que sim. Há também três universidades que neste momento têm cursos de música – Aveiro, Évora e Universidade Nova de Lisboa. Este conjunto de instituições de ensino superior, associado aos antigos conservatórios e o tal grupo de escolas profissionais que funcionam bem têm permitido a

“A MAIOR PARTE DOS MEUS ALUNOS NUNCA TINHA OUVIDO UMA PEÇA DE MÚSICA ERUDITA PORTUGUESA, MAS CONHECE MADONNA E MICHAEL JACKSON”

existência de muitos grupos de câmara formados por jovens músicos de grande qualidade, que há 10 ou 15 anos atrás não encontrávamos.

DC Existe hoje uma melhor cultura musical nas camadas jovens?

APV À partida, eu poderia dizer que sim, mas há que considerar que, ao mesmo tempo que há esta cultura musical, há também outras músicas e outros dispositivos culturais, nomeadamente os media, em especial a rádio e a televisão, que, sem terem o nome de escola de música, acabam por ter muito mais força na disseminação dos seus produtos. Estes são os produtos da chamada indústria cultural, que é amplamente dominada pelo rock e pop anglo-saxónico. A maior parte dos meus alunos aqui, por exemplo, nunca tinha ouvido uma peça de música erudita portuguesa, mas claro que conheciam os Metallica, a Madonna, o Michael Jackson ou coisas mais sofisticadas que existem nas áreas minoritárias mais criativas desta zona

que se interessa por jazz, há 10 que se interessam por guitarras eléctricas, por cada músico que aprende a tocar violino há 50 que querem tocar bateria.

DC Como avalia a produção e interpretação portuguesa?

APV Há uma melhoria enorme nas novas gerações. As orquestras atravessaram um período complicado nos anos 80 e 90, com múltiplas substituições e reestruturações, e esse panorama parece estar estabilizado. Haverá sempre problemas, mas as melhorias são notórias. O que é mais impressionante é a idade, temos músicos de 20 e poucos anos a tocar muitíssimo bem, violoncelistas, violinistas, alguns neste momento em Portugal, alguns com gente muito nova, e há 10 anos não havia. Isto resulta do sistema de ensino que referi.

DC E no que se refere à música de massas?

APV Aí a questão que se coloca é, eventualmente, os músicos conseguirem libertar-se dos modelos anglo-saxónicos. Alguns querem e trabalham com criatividade e outros não. Deixe-me dar o exemplo dos Xutos & Pontapés. A música deles adquiriu uma certa autonomia, tem uma capacidade poética e musical específica, conseguiram

musical, porque também as há. O que eu estou a dizer não deve ser interpretado pela velha condenação em bloco da cultura de massas. Mas a música erudita, o jazz ou o que for, ocupa um lugar minoritário e vai continuar a ocupar porque é esse o seu lugar, face ao mundo de hoje. Por cada músico

“Ídolos” sobrepõem o modelo à criatividade”

DC O que pensa de concursos como os “Ídolos”?

APV Penso mal. Penso que é justamente um dos meios de sobrepôr o modelo à criatividade. É uma coisa que interessa aos meus filhos, que têm 13 anos. O modelo psicológico que preside à sua concepção é de atração de adolescentes – a faixa etária que mais compra discos está entre os 15 e os 18 anos, ali é que está o mercado. Nesse tipo de programas de televisão – que eu nunca vejo – pode até, de vez em quando, aparecer alguém que tem um determinado talento e que aproveitou o programa para o mostrar. O que eu discuto é o formato, que, sub-repticiamente, subliminarmente, impõe uma visão do mundo que não partilho.

DC Uma visão limitada à imitação?

APV É uma visão do grande espectáculo de Hollywood e que eu detesto, tenho de ser franco. O meu editor, David Ferreira, foi mostrar um documentário feito a meu respeito à RTP. Era um concerto gravado ao vivo e a senhora da RTP disse que “só era pena eu estar sempre sentado a tocar piano”. Significa que os modelos tipo “Ídolos”, e andar a correr de um lado para o outro do palco, e tipo “vídeo-

clip” – que são “soft-porno”, na maior parte dos casos, e têm mensagens de carácter sexual, ou explícitas ou subliminares – se impõem ao ponto de haver uma responsável da televisão que ache estranho um pianista estar a tocar piano. Quando estes valores passam para alguém que tem um lugar intermédio numa hierarquia, transformam-se num disparate, que é a incapacidade de perceber que um pianista quando toca piano tem de estar sentado a tocar piano, não pode correr de um lado para o outro como se fosse uma cantora pop.

DC Os jovens hoje estão mais próximos destes modelos e mais afastados de música erudita?

APV Quando eu comecei a minoria era absolutamente minoria, contavam-se pelos dedos, entre nós, os do Porto, os de Coimbra e os de Lisboa, conhecíamos-nos todos, éramos meia dúzia, estou a falar nos anos 70 ou 80. O que se passa hoje é que há um número de músicos cada vez maior. Essa história dos “Ídolos”, que produz determinado tipo de figura artística, não tem impedido que aumente o número de pessoas que quer tocar violino e que toca muito bem, o número de pessoas que quer estar no jazz, tocando saxofone ou piano e o faça muito bem. Estamos perante um fenómeno de “tribalização”, e cada tribo cresce, porque a música ocupa um lugar cada vez maior na vida das pessoas. |

ram criar um espaço para si próprios, mantendo, naturalmente, a marca dos artistas que admiraram e estudaram. É preciso adquirir uma maneira de assinar.

DC Como foi o seu percurso e a opção pelo jazz?

APV Para começar pelo princípio, tenho de ir até aos meus nove anos de idade. A minha avó tinha um piano em casa e comecei a ter aulas, dos nove até aos 11, depois desisti, por um conjunto de razões que até transcendiam a música, mas continuei a tocar, de ouvido. Mais tarde, já estava na faculdade – fiz o curso de História –, achei que devia recomendar o meu estudo de música clássica. Tinha tido bandas de garagem, mas tomei conhecimento de músicos de jazz maravilhosos e o meu interesse tinha-se orientado para o jazz. Recomecei a estudar piano com 21 anos. A partir daí, o meu interesse pelo jazz e pela música contemporânea e clássica foi sempre mais ou menos em paralelo. Terminei o curso superior do Conservatório do Porto já com uma idade avançada, tinha 36 anos, ninguém termina o curso com aquela idade.

DC Esteve na Holanda, no Conservatório de Roterdão.

APV Esteve na Holanda, mas a estudar composição, por causa do

clip” – que são “soft-porno”, na maior parte dos casos, e têm mensagens de carácter sexual, ou explícitas ou subliminares – se impõem ao ponto de haver uma responsável da televisão que ache estranho um pianista estar a tocar piano. Quando estes valores passam para alguém que tem um lugar intermédio numa hierarquia, transformam-se num disparate, que é a incapacidade de perceber que um pianista quando toca piano tem de estar sentado a tocar piano, não pode correr de um lado para o outro como se fosse uma cantora pop.

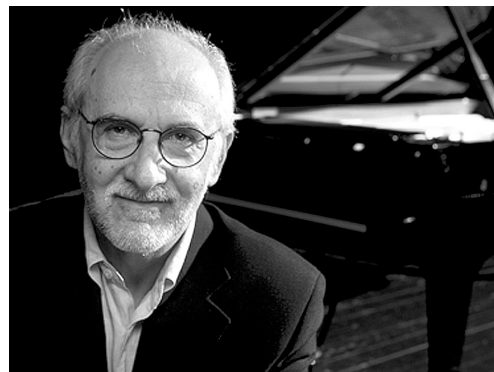
DC É hoje considerado um dos nomes principais do jazz em Portugal, pianista e compositor, tem sete álbuns editados. Que projectos?

APV No campo da música erudita, tenho uma encomenda conjunta da Casa da Música, do Centro Cultural de Belém (CCB) e do Teatro Nacional de S. Carlos para 2011, o ano em que faço 60 anos, que é uma peça para uma orquestra sinfónica de larga dimensão. No que se refere a álbuns, digo sempre “este é o último disco que gravo”. Gravei os Solo como a olhar para uma fase muito importante da minha vida, revisei as músicas que foram muito importantes para mim. Tenho o maior prazer em fazer estes concertos, irei continuar a fazer alguns com os meus músicos dos anos 80, mas não quer dizer que vá gravar outro disco. Quería, de facto, que algumas das minhas peças fossem tocadas. Um problema para os compositores de música contemporânea em Portugal é que as peças são estreadas e acabou, independentemente de serem boas, más ou mais ou menos. Isto contrasta fortemente com o que se passa no repertório clássico romântico, todos os anos ouvimos mais uma vez as sonatas de Beethoven, por exemplo. Este problema reduz – e nem estou a falar de mim, que serei, talvez, dos menos prejudicados – a visibilidade do compositor à presença da estreia da sua peça. Se a peça é tocada uma vez e não volta a existir, a sua presença real reduziu-se a um momento.

DC Prefere compor e tocar ou compor para outros?

APV Há um prazer particular em tocar para pessoas, é uma espécie de milagre de interacção psicológica, insubstituível, muito diferente de ouvir um disco. E também não consigo deixar de compor, nas últimas duas semanas compus três peças, para António Saiote, para o alemão Reiner Ziperling e para a Miso Music Portugal, que é uma instituição muito virada para a música electro-acústica mas que tem feito um esforço notável na internacionalização da música portuguesa. Além de estar a trabalhar já na peça para orquestra sinfónica, para 2011. |

“Não conseguimos encontrar espaço de enunciação”



PINHO VARGAS mostra o trabalho Solo I e II no TAGV

DC Sobre o que reflecte a sua tese de doutoramento em Sociologia da Cultura?

APV Chama-se “Música e Poder” e o subtítulo é “Para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu”. Pretendi fazer um estudo e perceber quais foram os discursos que musicólogos, críticos, compositores emitiram, até hoje, pelo facto da música portuguesa não ter tido um único compositor na sua história, nem uma única peça repetida ano após ano no mundo todo. Nem no século XVII, XVIII, XIX, XX, nada. Alguns compositores, Marcos Portugal, por exemplo, viveram em França, Rússia e Itália uma parte da sua vida. Foram famosos na Europa e nem em Portugal são tocados. João Domingos Bomtempo viveu em Paris e Londres, teve boas críticas, veio para Portugal depois da revolução liberal inaugurar o Conservatório de Música de Lisboa, criado nessa altura, e hoje não é tocado em nenhum dos países.

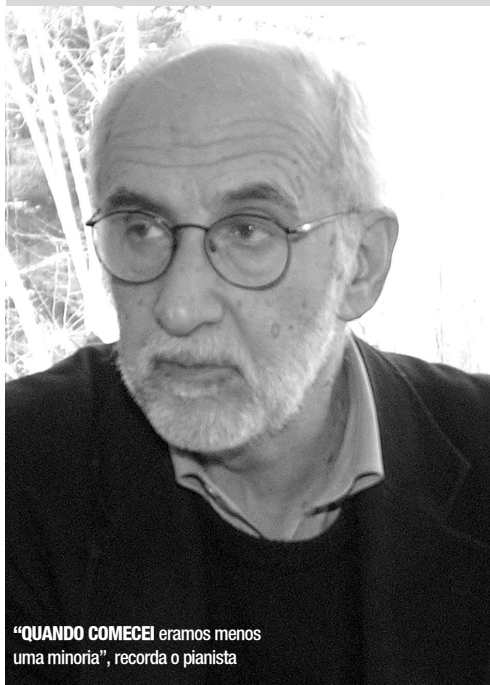
DC A que conclusão chegou sobre essa ausência?

APV Existe um dispositivo de poder transnacional, digamos assim, que é comandado pelos países centrais europeus, França e Alemanha, em primeiro lugar, e Inglaterra com um papel associado, que conseguem ter os seus produtos disseminados pelas periferias europeias. Há uma “máquina” sem rosto, um conjunto de atitudes naturalizadas, que não se põem em questão. Sem a ideia naturalizada de que a música portuguesa não existe ou é inferior, alguém lutaria por ela. Isto resulta do que Eduardo Lourenço chama de profundo irrealismo dos portu-

gueses em relação a si próprios, o enorme complexo de inferioridade em relação aos europeus, sobretudo à França, e, finalmente, a relação neurótica, dividida em relação à grande cultura europeia, que assenta em ressentimento por um lado e fascínio por outro. Entre este sentimento de “eles não nos ligam nenhuma” e, por outro lado, “eles é que são bons”, não conseguimos encontrar o nosso espaço de enunciação. Julgo que estamos numa fase de transição para a tomada de consciência de alguns destes factores. Começo a ouvir já nos meus colegas não apenas lamentos mas uma atitude pró-activa. O problema coloca-se quando os responsáveis culturais estão completamente dominados por esta ideia pré-concebida.

DC Tem feito essa investigação no Centro de Estudos Sociais?

APV Sim, com a orientação do professor Boaventura Sousa Santos. Aliás, sem alguns dos seus conceitos, não teria conseguido formular muitas das intuições que tinha num corpo de análise. Quando li um texto que se chama “Sociologia das ausências” a minha mente iluminou-se, porque aqueles conceitos davam sentido para a série de coisas que eu achava que existiam. Depois, fui ler o material, as entrevistas, os livros, as histórias da música em português – que são só três – e as histórias da música em francês e em inglês que são ensinadas no país, onde não existe um único compositor português. O único português que existe nas grandes histórias da música canónicas é o D. João V, porque contratou o grande compositor italiano Domenico Scarlatti para dar aulas à sua filha. |



“QUANDO COMECEI eramos menos uma minoria”, recorda o pianista

António Pinho Vargas crítica formato de “Ídolos”

Um dos maiores
nomes do jazz
português abre a
Semana Cultural
da Universidade
de Coimbra, onde
também é professor

